

**PERFIL CLÍNICO E DEMOGRÁFICO DE CASOS DA LEISHMANIOSE TEGUMENTAR AMERICANA EM PERNAMBUCO NOS ANOS DE 2008-2018**

Agrício Pedro de Alcantara

Enfermeiro. Especialista em Enfermagem em Urgência e Emergência; Docência do Ensino Médio Técnico e Superior para a Área da Saúde. Docente na Faculdade Estácio de Carapicuíba. E-mail: agricio.pedro@yahoo.com.br

Introdução: A Leishmaniose Tegumentar Americana LTA, também conhecida como “ferida brava ou úlcera de bauru” uma doença infecciosa, não-contagiosa, causada por protozoário do gênero *Leishmania*, de transmissão vetorial, que acomete pele e mucosas, tendo como reservatórios marsupiais e roedores, como a preguiça, e o tamanduá. Seus parasitas são especificamente do gênero *Leishmania* spp. A doença não é contagiosa nem se transmite diretamente de uma pessoa para outra, nem de um animal para outro, nem dos animais para as pessoas. **Objetivo:** Compreender o perfil epidemiológico da Leishmaniose Tegumentar Americana no estado de Pernambuco durante os anos de 2008-2018 focando na dinâmica demográfica e clínica dos casos. **Material e Método:** Trata-se de um estudo descritivo de abordagem quantitativa usando dados públicos disponibilizados pelo Sistema de Agravos Notificáveis - SINAN. **Resultados e Discussão:** Foram contabilizados 4.114 casos durante o período investigado, sendo o acometimento cutâneo de homens em idade produtiva o mais frequente. 29,33% dos casos foram confirmados por métodos clínico-laboratoriais. São os achados: 71,31% progrediram a cura e 23% dos casos não foram acompanhados corretamente. A transmissão do parasita ocorre apenas através da picada do mosquito fêmea infectado. A forma cutânea é a apresentação mais comum de leishmaniose, responsável por mais de 90% dos casos do Brasil. Dos casos notificados, 3% a 6% apresentam a LM, no entanto, em alguns municípios endêmicos, essa proporção pode ser superior a 25%. Em Pernambuco, a LTA é endêmica, necessitando notificação compulsória, assim como diversas partes do Brasil e do mundo, sendo caracterizada como um problema de saúde pública. Seu tratamento é conhecido pelo alto nível de toxicidade e até o presente momento, além disso vacinas para a doença, em humanos, ainda se encontram em desenvolvimento. Não existem medidas de combate específico para a doença no Estado. **Conclusão:** Juntos, esses dados mostram que o perfil epidemiológico da doença em Pernambuco é mantido historicamente uma vez que as condições ecoepidemiológicas são associadas à ausência de políticas efetivas para controle e enfrentamento da enfermidade. Sob esses resultados, a leitura do presente artigo, incentiva fortemente a criação de condutas públicas que visem a profilaxia da doença como a proteção individual, tais como: uso de mosquiteiro com malha fina, telagem de portas e janelas, uso de repelentes, não se expor nos horários de atividade do vetor (crepúsculo e noite) em ambiente onde este habitualmente pode ser encontrado, bem como um tratamento seguro, que resultem de pesquisas qualificadas destinadas ao tema.

Palavras-chave: Leishmaniose Tegumentar, Epidemiologia, Saúde Pública, Parasitologia, Endemia.